

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
ADMINISTRAÇÃO

EMANUEL RODRIGUES AMORIM

Quem forma ADMINISTRADORES? Evidências da formação coletiva do
Administrador a partir das Finanças Pessoais

CARUARU
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
ADMINISTRAÇÃO

EMANUEL RODRIGUES AMORIM

Quem forma ADMINISTRADORES? Evidências da formação coletiva do
Administrador a partir das Finanças Pessoais

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de
Graduação em Administração, da Universidade
Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do
Agreste, como requisito parcial para aprovação na
disciplina Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador: Prof. M.Sc. José Lindenberg Julião
Xavier Filho.

CARUARU
2016

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier CRB/4 - 1242

A524q Amorim, Emanuel Rodrigues.

Quem forma administradores? Evidências da formação coletiva do administrador a partir das finanças pessoais. / Emanuel Rodrigues Amorim. – 2016.
49f. il. ; 30 cm.

Orientador: José Lindenberg Julião Xavier Filho
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Administração, 2016.
Inclui Referências.

1. Planejamento financeiro. 2. Finanças pessoais. 3. Educação financeira. I. Xavier Filho, José Lindenberg Julião (Orientador). II. Título.

658 CDD (23. ed.)

UFPE (CAA 2016-391)



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM ADMINISTRAÇÃO NO CAMPUS DO AGRESTE

Ao décimo terceiro dia do mês de **Julho** de 2016, às ____h, na sala ____, do Centro Acadêmico do Agreste – CAA, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de BACHAREL EM ADMINISTRAÇÃO, o aluno **EMANUEL RODRIGUES AMORIM** tendo como título da monografia: **Quem forma ADMINISTRADORES? Evidências da formação coletiva do Administrador a partir das Finanças Pessoais**. Constituíram a Banca Examinadora os professores: **Jose Lindenberg Julião Xavier Filho** (orientador), **Elielson Oliveira Damascena** (examinador) e **Luiz Sebastião dos Santos Júnior** (examinador). Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, ficou definido que o trabalho foi considerado () **APROVADO** () **REPROVADO**, com **média** _____.

Eu, **Jose Lindenberg Julião Xavier Filho** (orientador), lavrei a presente ata que segue assinada por mim e pelos demais membros da Banca Examinadora.

Observações: Após as alterações e correções indicadas pela banca examinadora, o discente terá o prazo de vinte dias corridos contados a partir da data da defesa para entregar 2 (duas) vias em capa dura conforme os critérios determinados pelo Colegiado do Curso de Administração.

Assinaturas:

Membros da Banca Examinadora:

Prof. Jose Lindenberg Julião Xavier Filho

Orientador

Prof. Elielson Oliveira Damascena

Examinador

Prof. Luiz Sebastião dos Santos Júnior

Examinador

EMANUEL RODRIGUES AMORIM

Quem forma ADMINISTRADORES? Evidências da formação coletiva do
Administrador a partir das Finanças Pessoais

Este trabalho foi julgado adequado e aprovado para a obtenção do título de graduação
em Administração da Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do
Agreste

Caruaru, 13 de julho de 2016.

Prof. Dr. Cláudio José Montenegro de Albuquerque
Coordenador do Curso de Administração

BANCA EXAMINADORA:

Prof. M.Sc. José Lindenberg Julião Xavier Filho
Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste
Orientador

Prof. M.Sc. Elielson Oliveira Damascena
Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste
Banca

Prof. M.Sc. Luiz Sebastião dos Santos Júnior
Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste
Banca

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e a oportunidade de continuar minha caminhada.

Aos meus pais, pelas oportunidades e estímulos para que trilhasse o caminho da educação.

À minha esposa, pelo companheirismo, amor, carinho, incentivo e pelas revisões realizadas neste trabalho.

Ao professor Lindenberg, pelas orientações prestadas, disponibilidade e pela amizade demonstrada em nossas conversas, fazendo com que esse trabalho tenha sido produzido de uma forma muito mais tranquila.

Ao meu irmão, pela parceria de uma vida inteira.

A Alan, por todas as orientações e materiais disponibilizados sobre a obra de Bourdieu.

À Rejane e Everton, pela transmissão da experiência em escrever trabalhos acadêmicos.

A Efrain, Ivan, Leo e Luan que fizeram com que ir para universidade depois de um dia cansativo e estressante fosse um pouco mais divertido.

A todos que, embora não citados nominalmente aqui, contribuíram de alguma forma para minha formação.

RESUMO

O fechamento prematuro das organizações coloca em dúvida a capacidade dos administradores de fazer uma boa gestão sobre as finanças organizacionais. Para investigar essa capacidade, posto que, finanças pessoais e organizacionais são semelhantes, buscou-se responder a seguinte questão: Como os concluintes em administração lidam com a dimensão do planejamento financeiro (finanças pessoais)? Para responder esse questionamento, a pesquisa objetivou verificar os fatores que podem influenciar as boas práticas de gestão das finanças pessoais e, também, verificar as possíveis relações entre algumas instituições formadoras do *habitus* do indivíduo e as boas práticas de planejamento financeiro para compreender a origem dos conhecimentos de administração além da universidade. Este estudo foi efetuado como uma pesquisa descritiva, realizada através de um levantamento com 61,59% dos concluintes do curso de administração da UFPE/CAA, contando com abordagem quantitativa. Foi observado que a maioria dos concluintes não tem problemas com endividamento, mas não realizam planejamento de curto prazo, pois não possuem reservas financeiras para situações imprevistas, e também não realizam planejamento de longo prazo pensando em aposentadoria. Além disso, foi observado que experiências anteriores a faculdade, principalmente o *habitus* constituído pela família, contribuem para a educação financeira, o que sugere uma formação coletiva do administrador. O estudo teve como principais limitações a baixa idade dos respondentes, o que impediu a observação da influência de fatores como faixa de renda e idade nos comportamentos de gestão das finanças, e o tamanho da amostra, que por ser reduzido, prejudicou a significância dos testes de médias realizados.

Palavras chave: Planejamento Financeiro, Finanças Pessoais, *Habitus*.

ABSTRACT

The premature closure of organizations puts in doubt the ability of managers to make a good management on organizational finances. To investigate this capacity since, personal and organizational finances are similar, we sought to answer the following question: How do graduates in administration deal with the scope of the financial planning (personal finance)? To answer this question, the research aimed to identify factors that can influence the good personal finance management practices and verify the possible relationships between some educational institutions of the individual *habitus* and good financial planning practices to understand the origin of management knowledge beyond the university. This study was conducted as a descriptive survey, conducted through a survey with 61.59% of the graduates of the course of administration of UFPE / CAA, with quantitative approach. It was observed that most of the graduates have no problems with debt, but do not perform short-term planning, because they have no financial reserves for unforeseen situations, and also do not make long-term planning thinking about retirement. Moreover, it was observed that previous experience college, especially *habitus* constituted by the family, contribute to the financial education, which suggests an administrator collective training. The study had the main limitations the low age of the respondents, which prevented the observation of the influence of factors such as income level and age in behavior management of finance, and the sample size, which should be reduced, detracted from the significance of the tests averages performed.

Keywords: Financial Planning, Personal Finance, *habitus*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 4.1: Distribuição de Renda dos Concluintes.....	28
Figura 4.2: Quantidade de Poupança dos Concluintes	29
Figura 4.3: Reserva Financeira dos Concluintes.....	30
Figura 4.4: Situação quanto a Endividamento dos Concluintes.....	30
Figura 4.5: Importância atribuída às fontes de conhecimento sobre Gestão Financeira.....	31
Figura 4.6: Pensamento sobre Aposentadoria dos Concluintes	32
Figura 4.7: Uso de orçamento ou plano de gastos por estado civil.....	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 4.1: Teste de médias por estado civil.....	33
Tabela 4.2: Teste de médias por gênero	34
Tabela 4.3: Teste de médias entre os que seguem ou não orçamento	35
Tabela 4.4: Teste de médias entre os que discutem ou não finanças com a família	36
Tabela 4.5: Teste de médias entre os que possuem ou não empresários na família.....	37
Tabela 4.6: Teste de médias entre os que tiveram ou não educação financeira na escola.	37
Tabela 4.7: Teste de médias comparando nível de escolaridade dos pais.....	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1: Distribuição de temas no questionário.....	25
Quadro 3.2: Construção dos indicadores de gestão financeira	27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAA - Centro Acadêmico do Agreste

ICC - Índice de Comportamento de Consumo

IE - Índice de Endividamento

IEF - Índice de Educação Financeira

IES – Instituições de Ensino Superior

IGFP - Índice de Gestão das Finanças Pessoais

IPF - Índice de Planejamento Financeiro

MEC - Ministério da Educação

OCDE - Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO	14
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO.....	14
1.2 PERGUNTA DE PESQUISA	16
1.3 OBJETIVOS	16
1.3.1 <i>Objetivo Geral</i>	16
1.3.2 <i>Objetivos Específicos</i>	17
1.4 JUSTIFICATIVAS.....	17
1.4.1 <i>Teórica</i>	17
1.4.2 <i>Prática</i>	17
CAPÍTULO 2 - REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 FINANÇAS PESSOAIS	18
2.1.1 <i>Planejamento Financeiro</i>	18
2.1.2 <i>Educação Financeira</i>	19
2.1.3 <i>Comportamento de Consumo</i>	20
2.1.4 <i>Endividamento</i>	21
2.2 A MÚTUA INFLUÊNCIA EXISTENTE ENTRE INDIVÍDUO E INSTITUIÇÕES.....	22
CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	25
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS RESULTADOS	28
4.1 FINANÇAS PESSOAIS DOS CONCLUINTES	28
4.2 INDICADORES DE GESTÃO FINANCEIRA	32
CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO	45

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

Este capítulo apresenta o problema, a pergunta e os objetivos da pesquisa, assim como suas justificativas teóricas e práticas.

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

A crise econômica está atingindo o cotidiano dos brasileiros e, dessa forma, é cada vez mais necessário o controle das finanças. Segundo dados divulgados pelo Banco Central, em abril de 2015, 46,3% das famílias brasileiras estavam endividadas (ESTADÃO, 2015).

Um estudo realizado pelo Serasa Experian analisou o perfil dos inadimplentes brasileiros em 2014 e mostrou que, entre os jovens, o problema do endividamento é ainda maior, pois são os que menos conseguem gerenciar suas dívidas e passam de endividados (pessoas com dívidas a pagar) para a categoria dos inadimplentes (pessoas que não conseguiram honrar os seus compromissos financeiros). Nesse estudo, foi observado que a faixa etária mais representativa é entre 26-30 anos, em que a taxa de inadimplentes chega a 29,9%. A inadimplência diminui, segundo o estudo, à medida que a idade aumenta: acima de 70 anos, a taxa é de 10,3% (SERASA EXPERIAN, 2015).

Entre as empresas as dívidas também estão aumentando, haja vista que, em agosto de 2015, o número de pessoas jurídicas inadimplentes foi 10,49% maior do que o mesmo período no ano de 2014 (SPC BRASIL, 2015). Parece que quando se olha para o fenômeno “endividamento” não se consegue separar de maneira segura a esfera pública (empresarial) da privada (pessoal), já que em ambas ocorre o endividamento.

Uma pesquisa publicada pelo Sebrae em 2013 mostrou que a taxa de mortalidade das empresas nos primeiros dois anos (nascidas em 2007) é de 24,4% e, se consideramos a região Nordeste, esse número sobe para 28,7% (SEBRAE, 2013).

Tal problema poderia ser evitado ou amenizado com alguns conhecimentos de planejamento e educação financeira, já que o endividamento é uma ação presente com realização no futuro e, neste caso, remete a decisões de planejamento, posto que:

Planejar significa olhar para frente, visualizar o futuro e o que deverá ser feito, elaborar bons planos e ajudar as pessoas a fazer as ações necessárias para melhor enfrentar os desafios do amanhã. Em outros termos, o planejamento constitui hoje de uma responsabilidade essencial em qualquer tipo de organização ou de atividade. (CHIAVENATO, 2008, p. 342)

Nesse cenário, deve-se destacar a propensão ao consumo e materialismo existente nos últimos tempos. Em busca de *status* e satisfação pessoal, existem pessoas que se tornam consumidores compulsivos, adquirindo produtos, marcas e objetos com o intuito de diminuir o desprestígio social que sentem (LORENSI; PESSINI, *et al*, 2013).

Quando o consumo se torna um fator de busca por satisfação, existe a tendência de uma tomada de decisão acessando a outra racionalidade que não a instrumental, antecipando o consumo e ignorando o ônus (pagamento de juros e/ou risco de inadimplência) existente. Assim, com a disponibilidade de crédito no mercado, a tomada de decisão sobre consumir agora e pagar juros ou poupar e pagar um valor menor parece cada vez mais complexa.

As dificuldades na tomada de decisão financeira não se encontram apenas nas diversas opções de pagamento, visto que as decisões quanto a onde investir o dinheiro buscando retornos também não são simples. Fatores como taxas de retorno, quantia inicial mínima e períodos de carência tornam as alternativas à poupança de difícil acesso à população em geral (LUCCI *et al.*, 2006). Dessa forma, a educação financeira é fundamental, pois influencia diretamente as decisões econômicas dos indivíduos e das famílias (SAVÓIA; SAITO; SANTANA, 2007) e tem seus efeitos na ordem social, quer aumentando o risco de fracasso das iniciativas empresariais, quer comprometendo a economia e as famílias pela inadimplência e *stress* financeiro, respectivamente.

Tomando por base essa dificuldade para a tomada de decisão e considerando que o planejar e o controlar são dimensões que contribuem para normalizar o consumo, experiências com estes assuntos podem formar um consumidor/empresário com características de atuar de melhor forma nessa sociedade do consumo. Assim, cursos que tenham estas experiências podem proporcionar uma melhora significativa na gestão financeira pessoal e organizacional.

Um desses cursos, o de administração, possui em sua matriz curricular disciplinas de finanças, cálculos e tomada de decisões. Possivelmente, os conhecimentos adquiridos nessa graduação seriam suficientes para melhorar o patamar atual das organizações ao proporcionar experiências com planejamentos, controles etc.

O planejamento é a mais importante das funções gerenciais (MAXIMIANO, 2009) e, no âmbito da função do planejamento, as finanças são de importância primordial para a sobrevivência de uma organização, necessitando o planejador possuir satisfatória educação financeira como suporte para suas decisões. Contudo, é difícil mensurar a fração da educação financeira não decorrente das disciplinas cursadas na formação do administrador em nível de graduação (LUCCI *et al.*, 2006). Dessa forma, não se sabe se o administrador que realiza bons

planejamentos financeiros tem essa habilidade decorrente dos conhecimentos adquiridos durante a graduação, ou se o planejamento, para ele, já era um *habitus* de acordo com a teoria de Pierre Bourdieu, adquirido do choque, da experiência com outras instituições da vida (família, igreja, escola).

Se o planejamento financeiro for um *habitus* na vida do administrador, o controle das finanças pessoais do aluno de administração será refletido em um bom controle das finanças organizacionais, futuramente gerenciadas por esses alunos, como comentam em termos de conclusão Fernandes e Candido (2014, p. 19):

Pesquisas nas instituições de ensino também devem ser priorizadas. Existe uma urgência para mudar esse cenário, pois os fatores que temos hoje podem resultar na inviabilidade do crescimento econômico do país. Como nossos alunos pensam e controlam seus recursos na infância e adolescência, pode ser a chave para a correção das gerações atuais e futuras.

Dessa forma, surge o questionamento de como alunos de administração estão lidando com a suas finanças pessoais e como auxiliariam as organizações com o planejamento financeiro, e se esse planejamento está para essas pessoas como um *habitus* de acordo com a teoria de Pierre Bourdieu.

Sendo assim, optou-se por investigar o caso dos alunos do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco por serem os futuros administradores de uma área com grande potencial de desenvolvimento econômico como o Agreste Pernambucano.

1.2 PERGUNTA DE PESQUISA

A partir das questões citadas desenvolveu-se a seguinte questão orientadora dessa pesquisa:

Como os concluintes em administração lidam com a dimensão do planejamento financeiro (finanças pessoais)?

1.3 OBJETIVOS

Nesta seção serão apresentados os objetivos que a pesquisa pretende alcançar.

1.3.1 Objetivo Geral

Entender como os concluintes em administração lidam com a dimensão do

planejamento financeiro (finanças pessoais).

1.3.2 Objetivos Específicos

- Verificar fatores que podem influenciar as boas práticas de gestão das finanças pessoais;
- Verificar a correlação entre a educação financeira e a gestão das finanças pessoais;
- Verificar as possíveis relações entre algumas instituições formadoras do *habitus* do indivíduo e as boas práticas de planejamento financeiro;

1.4 JUSTIFICATIVAS

Nesta seção são apresentadas as justificativas, tanto teóricas quanto práticas, da presente pesquisa.

1.4.1 Teórica

Do ponto de vista teórico, o presente estudo possui relevância para academia, dado que apresenta novas evidências para fomentar o entendimento de como se forma um administrador. Este trabalho também servirá como fonte de consulta para futuras pesquisas sobre o tema de finanças pessoais e sua correlação com a formação do administrador, agregando assim um maior conhecimento para a área.

1.4.2 Prática

Sob a perspectiva prática, este estudo pretende contribuir com a sociedade na qualificação de bacharéis, que são acreditados pela sociedade e órgãos de controle e que devolvem o investimento em sua formação como serviço de qualidade, exercendo, por assim dizer, sua cidadania via seu trabalho. Compreendendo melhor como se forma um administrador é possível (re)pensar este processo de formação e assim melhorar a qualidade dos serviços prestados por esses profissionais.

CAPÍTULO 2 - REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo tem por objetivo apresentar e discutir os conceitos de Finanças Pessoais (seção 2.1) e *Habitus* (seção 2.2) que nortearão o referido trabalho.

2.1 FINANÇAS PESSOAIS

Finanças pessoais é o campo de aplicação de conceitos e princípios financeiros às decisões monetárias do indivíduo. Vale ressaltar que os objetivos da gestão financeira pessoal e empresarial são semelhantes, uma vez que em ambos os domínios se busca aumentar o patrimônio, maximizar a utilidade do uso de recursos financeiros e gerar riqueza para a pessoa ou acionista (SCHIMITH, 2013).

Posto isso, esta sessão pretende analisar melhor alguns tópicos relacionados a gestão do próprio dinheiro, quais sejam o planejamento financeiro, educação financeira, comportamento de consumo e endividamento.

2.1.1 Planejamento Financeiro

De todas as funções gerenciais o planejamento é a mais importante (MAXIMIANO, 2009). Isto porque é no planejamento que é definido como chegar a um determinado ponto no futuro, buscando racionalmente a melhor forma de chegar ao resultado esperado. Sendo assim, podemos definir planejamento como:

A função da administração responsável pela definição dos objetivos da organização e pela concepção de planos que integram e coordenam suas atividades. O planejamento tem a dupla atribuição de definir o que deve ser feito – objetivos – e como deve ser feito – planos. (PECI; SOBRAL, p. 132, 2008)

Lacombe e Heilborn (2006, p. 162) acrescentam que o:

Planejamento pode ser visto como (a) a determinação da direção a ser seguida para se alcançar um resultado desejado ou como (b) a determinação consciente de cursos de ação, isto é, dos rumos. Ele engloba decisões, com base em objetivos, em fatos e na estimativa do que ocorreria em cada alternativa. Planejar é, portanto, decidir antecipadamente o que fazer, de que maneira fazer, quando fazer e quem deve fazer.

Entre os diversos tipos de planejamentos existentes, o financeiro é primordial para a estratégia de uma organização, pois a dimensão financeira (o caixa) determina a sobrevivência

da empresa e a real possibilidade de executar os planos. Além disso, é através do plano financeiro que é possível determinar se a empresa possui liquidez para saldar seus compromissos ou se será necessário contrair financiamentos futuros (ARAÚJO, 2009).

Segundo Gitman (1997, p. 589) o “planejamento financeiro é um aspecto importante para o funcionamento e sustentação da empresa, pois fornece roteiros para dirigir, coordenar e controlar suas ações na consecução de seus objetivos”, sendo complementado por Ross (1998, p.82) quando aponta que o “planejamento financeiro formaliza a maneira pela qual os objetivos financeiros podem ser alcançados. Em visão mais sintetizada, um plano financeiro significa uma declaração do que a empresa deve realizar no futuro”. O planejamento dá a empresa subsídios, para que não seja surpreendida e possa ter uma alternativa já prevista, caso precise tomar uma decisão.

Esse tipo de planejamento não é utilizado somente em organizações, sendo muito útil também para o indivíduo, uma vez que necessitamos controlar nossas finanças individuais, a fim de evitar a falência da pessoa física, ou a inviabilidade de realização de planos, de projetos.

Não fazer um bom planejamento financeiro pode ser bastante prejudicial para a vida de uma pessoa. É comum relacionar as dificuldades financeiras à salários baixos ou pagamento de juros altos, mas não à falta de um planejamento adequado, em que o orçamento familiar é utilizado para as necessidades mais imperiosas, eliminando gastos supérfluos e programando compras futuras (HALLES; SOKOLOWSKI; HILGEMBERG, 2007). Esse tipo de planejamento pode ser ensinado, trabalhado e melhorado, necessitando, para isso, investir em educação financeira.

2.1.2 Educação Financeira

Para amenizar os riscos de uma falência da pessoa física (insolvência civil) é necessário que os indivíduos tenham acesso à educação financeira, pois independentemente do nível de renda, a educação financeira “pode ajudar às famílias a terem a disciplina de poupar, dando a oportunidade de ter melhores condições para financiar a educação dos filhos, terem um plano de saúde, e uma vida mais confortável” (VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011, p. 5).

Para a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE) (2005), a Educação Financeira é definida como:

[...] o processo pelo qual consumidores e investidores melhoram seu entendimento sobre os conceitos e os produtos financeiros e, através da informação, instrução e/ou conselhos objetivos, desenvolvam as habilidades e a confiança para conhecer melhor

os riscos e as oportunidades financeiras, e assim tomarem decisões fundamentadas que contribuem para melhorar seu bem-estar financeiro (OCDE, 2005, p. 13).

É importante ressaltar que a educação financeira não se trata apenas de saber lidar com contas bancárias e projetar orçamento para poupança futura, mas também, conseguir ter boas decisões de consumo, investimentos e poupança de acordo com a sua realidade financeira (MATSUMOTO, 2013).

A educação financeira é importante também para evitar o endividamento, pois permite conhecer os instrumentos corretos para a tomada de decisão e planejamento orçamentário, possibilitando escolher formas que possuam juros menores quando não for possível evitar de se endividar (MALLMANN *et al.*, 2009).

A falta de educação financeira gera problemas como o consumo descontrolado, que pode ser percebido através da cultura de consumo instaurada. A percepção de riqueza é associada a acumulação e ostentação de bens e não ao acúmulo de valores que possam ser utilizados em situações imprevistas ou na realização de objetivos diversos ao longo da vida (HALLES; SOKOLOWSKI; HILGEMBERG, 2007). Além disso, alguns comportamentos de consumo variam segundo a idade, estágio no ciclo de vida, ocupação, personalidade ou ainda eventos como casamento, nascimento de filhos e divórcios, o que afeta diretamente as decisões financeiras (KOTLER; KELLER, 2006). Sendo assim, torna-se necessário compreender os comportamentos de consumo e a racionalidade nas tomadas de decisão.

2.1.3 Comportamento de Consumo

A hipótese dos mercados eficientes de Markowitz (1952) é um dos pilares centrais da moderna teoria de finanças (JUNIOR; SARAIVA; IKEDA, 2004), que tem como pressuposto que os agentes são avessos ao risco e tomam suas decisões de forma racional, buscando sempre maximizar a utilidade do dinheiro visando seu bem-estar.

Essa racionalidade dos agentes econômicos é esperada ao se fazer uma análise do valor que o dinheiro possui ao longo do tempo, isto é, ao deixar de consumir no presente, aguardando um momento futuro, o dinheiro será investido e assim, ao final do prazo determinado, irá possuir um montante maior em relação ao dinheiro investido no momento em que se abdicou da compra (SOARES *et al.*, 2015). Vale aqui ressaltar que normalmente é esperado que exista inflação positiva no período, o que faz com que uma unidade monetária de valor tenha um poder de compra cada vez menor, sendo necessário, ao agente econômico racional, buscar investimentos que superem o valor de inflação para que possam garantir um montante superior

em uma compra futura.

Contudo, é possível afirmar que nem sempre os agentes econômicos são racionais ou, mais que isso, que a racionalidade que emprestam à suas práticas atendam aos mecanismos de *meio-fins* que se discute aqui, tendo em vista que novos estudos apontam que os indivíduos agem também tomados por emoções, o que é campo de estudo das finanças comportamentais. Esse ramo das finanças tenta explicar por que as pessoas tomam decisões aparentemente irracionais, baseadas em sentimentos e emoções, sem levar em consideração alguns fundamentos financeiros (MOREIRA *et al.*, 2015).

Dessa forma, pode ser explicado como o materialismo e a propensão ao consumo fazem com que o indivíduo esteja cada vez mais endividado, tendo em vista que suas decisões financeiras não são racionais, e sim, fruto de uma distorção cognitiva que o leva a associar consumo com bem-estar, existindo assim pessoas que na busca pelo *status* e satisfação pessoal se lançam como consumidores compulsivos, adquirindo produtos e marcas com o objetivo de diminuir o desprestígio social que sentem (PESSINI *et al.*, 2013). É o fetiche da mercadoria de que Baudrillard (2008) discute como central na sociedade do consumo, fomentando a busca de realização através do consumo, mesmo quando o sujeito está desprovido de recursos, fazendo com que, possivelmente, tome a decisão de aumentar seu grau de endividamento.

2.1.4 Endividamento

O endividamento é o resultado do processo de contrair uma ou mais dívidas que são geradas a partir da utilização do capital de terceiros. Sendo assim, qualquer pessoa que tenha assumido um saldo devedor estará endividada, ainda que cumprindo com as obrigações de pagamento de parcelas (VIEIRA *et al.*, 2014).

O sobre-endividamento ocorre quando o indivíduo não consegue cumprir suas obrigações com seus credores, podendo ser passiva quando ocorre independentemente do comportamento de consumo do sujeito, sendo originada por acontecimentos inesperados como um acidente, divórcio etc. E ativa, quando é fruto de uma ingerência das finanças pessoais, sendo o comportamento do sujeito determinante para que o sobre-endividamento tenha ocorrido (VIEIRA *et al.*, 2014).

É importante ressaltar que são diferentes as situações de estar endividado e estar inadimplente. Segundo Pessini *et al.* (2013, p. 1) “é considerada inadimplente a pessoa que não tem condições de pagar todas as suas despesas e que o atraso das contas supere o prazo de um mês”.

Diversos são os fatores que geram o sobre-endividamento: o uso do cartão de crédito, que gera uma dissonância cognitiva nos consumidores ao não perceberem, no momento da compra, a subtração de dinheiro, além de oferecer a possibilidade de não pagar o valor total da fatura; as famílias que não possuem reservas para imprevistos e emergências; ter um estilo de vida que não se adequa a realidade financeira vivida naquele momento (SANTOS; SILVA, 2014).

Strate (2010) destaca que um bom orçamento familiar é essencial para conquistar condições particulares de qualidade de vida, como ter uma casa própria, aderir um bom plano de saúde, automóvel, dar uma boa educação para os filhos etc. Dessa forma, a racionalização das necessidades é essencial para uma boa qualidade de vida. Sendo assim, é possível afirmar que é perfeitamente aceitável um comportamento de consumo em que há um endividamento para adquirir bens de uso essencial, desde que as prestações estejam dentro da realidade financeira familiar para evitar o risco de inadimplência.

2.2 A MÚTUA INFLUÊNCIA EXISTENTE ENTRE INDIVÍDUO E INSTITUIÇÕES

Diversos autores, como mencionado por Minayo (2001), escreveram sobre a influência das estruturas sociais nos indivíduos como a título de exemplo Durkheim, Radcliffe Brown, Marx e Engels, Lévi-Strauss e Althusser. Para esses autores a sociedade é “determinada por causas positivas, exteriores aos indivíduos, sendo o comportamento humano uma resultante de leis dos processos sociais” (MINAYO, 2001, p. 2). Em contraposição a esse pensamento estruturalista, uma corrente fomentada no pensamento de Weber, defende que o indivíduo é o sujeito das ações sociais, autor da realidade, porque define e cria situações, ele é o criador das estruturas, e embora estas passem a condicioná-lo, sua significação é dada pelos seres humanos e sua importância só é percebida enquanto o sujeito assim desejar (MINAYO, 2001).

Para fins dos estudos a que esse trabalho se propõe, será lançado um olhar à questão indivíduo-estrutura a luz do pensamento de Pierre Bourdieu e sua teoria do *habitus*, que incorpora desdobramentos a partir da agência do sujeito e as restrições constitutivas a partir da estrutura.

Bourdieu foi um sociólogo francês que ficou conhecido como um dos mais importantes pensadores do século XX. Sua obra contribui para diversas áreas das ciências sociais, não se limitando apenas a sociologia. É parte importante em sua obra a ideia de *habitus*, que propõe

um meio termo entre o estruturalismo e o subjetivismo pleno, em que os indivíduos não são simplesmente determinados pela estrutura a qual estão inseridos, nem são plenamente determinantes da sua forma de pensar e agir independentemente dessas estruturas (LEÃO *et al.*, 2013).

Bourdieu (1990, p. 21) afirma que:

"queria reintroduzir de algum modo os agentes, que Lévi-Strauss e os estruturalistas, especialmente Althusser, tendiam a abolir, transformando-os em simples epifenômenos da estrutura. Falo em agentes e não em sujeitos. A ação não é a simples execução de uma regra, a obediência a uma regra. Os agentes sociais, tanto nas sociedades arcaicas como nas nossas, não são apenas autômatos regulados como relógios, segundo leis mecânicas que lhes escapam. Nos jogos mais complexos - as trocas matrimoniais, por exemplo, ou as práticas rituais -, eles investem os princípios incorporados de um *habitus* gerador: esse sistema de disposições pode ser pensado por analogia com a gramática gerativa de Chomsky com a diferença de que se trata de disposições adquiridas pela experiência, logo, variáveis segundo o lugar e o momento."

Bourdieu (1990, p. 22) complementa ainda que o *habitus* é:

"um velho conceito aristotélico-tomista que repensei completamente, como uma maneira de escapar dessa alternativa do estruturalismo sem sujeito e da filosofia do sujeito. Também aqui, alguns fenomenólogos - o próprio Husserl, que destina um papel à noção de *habitus* na análise da experiência antepredicativa, ou Merleau-Ponty, e mesmo Heidegger - abriam caminho para uma análise nem intelectualista nem mecanicista da relação entre o agente e o mundo."

O *habitus* é um sistema de disposições e modos de percepção que nos levam a agir de determinada forma (THIRY-CHERQUES, 2006). Esse sistema funciona para Thiry-Cherques (2006, p. 33) como:

[...] princípio gerador e organizador de práticas e de representações, associado a uma classe particular de condições de existência. O *habitus* gera uma lógica, uma racionalidade prática, irreduzível à razão teórica. É adquirido mediante a interação social e, ao mesmo tempo, é o classificador e o organizador desta interação. É condicionante e é condicionador das nossas ações.

Segundo Setton (2006), o *habitus* é um instrumento conceptual que permite examinar a coerência das características dos indivíduos dispostos às mesmas condições de existência. Ele ainda auxilia a apreender certa homogeneidade nas disposições, nos gostos e preferências de grupos e/ou indivíduos produtos de uma mesma trajetória social. Assim, possivelmente, um grupo de pessoas que tiveram uma mesma formação escolar podem ter comportamentos e percepções semelhantes, dado que a escola, desde a infância até o início das atividades laborais,

pode consolidar algumas práticas, contudo, não constitui um *habitus* sozinha, em virtude desses grupos estarem expostos a outras estruturas estruturantes/estruturadas do/pelo *habitus* como, por exemplo, a família e a religião.

Para fins dessa pesquisa, é operacionalizado o entendimento de que o *habitus* é estruturado (resultado) pela incorporação das estruturas sociais e pela posição na trajetória do sujeito, e também é estruturante (causa) das ações, percepções e representações dos sujeitos.

CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho tem como objetivo entender como os concluintes de administração lidam com as finanças pessoais. Essa pesquisa busca, ainda, identificar elementos que mostrem uma formação coletiva do administrador, evidenciando que as habilidades necessárias para o administrador são aprendidas no decorrer da vida, não se limitando apenas aos conhecimentos adquiridos durante a graduação em administração.

Seguindo a classificação admitida por Gil (2002), a presente pesquisa pode ser classificada, quanto aos objetivos, como descritiva, pois tem como finalidade a descrição de como os concluintes do curso de administração da UFPE/CAA lidam com as finanças pessoais, na tentativa de estabelecer relações entre determinadas características e comportamentos. Ainda segundo o autor, a pesquisa também pode ser classificada quanto ao delineamento dos procedimentos técnicos utilizados e, neste caso, trata-se de um levantamento feito através de questionário, que foi analisado utilizando-se uma abordagem quantitativa.

O questionário foi construído com base em instrumentos já aplicados em pesquisas com temas análogos, como os trabalhos de Conto (2016), Vieira, Betaglia e Sereia (2011) e Lucci *et al.* (2006), bem como com questões de formulação própria tendo por base o referencial teórico deste trabalho. Os assuntos pesquisados, conforme instrumento disponível para consulta no apêndice deste trabalho, estão distribuídos no quadro 3.1, sendo que algumas questões tratam de mais de uma temática e, por isso, se repetem no quadro.

Quadro 3.1: Distribuição de temas no questionário

Cobertura Temática da Questão	Localização no Questionário
Identificação da Amostra	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 16
Planejamento Financeiro	18, 19, 20, 27, 28, 31, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 47 e 51
Educação Financeira	12, 13, 14, 17, 21, 25, 29, 30, 32, 43, 44, 45 e 49
Comportamento de Consumo	23, 26, 33, 34, 37, 42, 46, 47, 48, 50 e 51
Endividamento	22, 24, 36, 46 e 51
<i>Habitus</i>	6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17 e 30

Fonte: Elaborado pelo autor

Em relação à escolha da população, poderiam ter sido selecionados estudantes do curso de administração de qualquer instituição do país, dado que os cursos são regulamentados pelo Ministério da Educação (MEC) e, por isso, os componentes curriculares desses cursos são bastante semelhantes em sua essência. Diante disso, optou-se pelos critérios da conveniência e da acessibilidade (VERGARA, 2005), a fim de facilitar a pesquisa. Dessa maneira, foi

direcionada a seleção para formandos do curso de Administração da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro Acadêmico do Agreste (CAA), localizado no município de Caruaru, agreste pernambucano. Esta escolha, porém, impõe uma limitação a pesquisa, haja vista que, se as condições sócio-históricas de outra região diferirem significativamente das condições do Agreste Pernambucano, os achados podem mudar drasticamente.

A fim de selecionar os alunos concluintes (participantes), preferiu-se os discentes que cursaram nove ou mais semestres e estão cursando disciplinas aleatórias pendentes para concluir os componentes curriculares obrigatórios. Ou seja, a intenção foi priorizar a seleção dos estudantes pelo tempo que já passaram na universidade, mantendo alinhamento com a noção do vivido para a construção do *habitus*. Entretanto, após encontrar dificuldades para localizar esses estudantes, sejam de ordem de disponibilidade de tempo ou mesmo de acesso à informação de número de matriculados, optou-se por selecionar todos os alunos que estivessem cursando pelo menos uma das três disciplinas que, pelo perfil curricular do curso, fazem parte do 9º período, ou seja, que estivessem matriculados em Gestão Social, Gestão Sustentável ou Seminários de Atualização em Administração, nos turnos da manhã ou noite.

A pesquisa teve 85 questionários validados de uma população total de 138 alunos, atingindo assim uma representatividade de 61,59%. Foram coletados 95 instrumentos respondidos, mas 10 foram anulados por apresentarem algumas questões em branco, pois não seria possível atribuir validade ao instrumento coletado.

O questionário foi aplicado durante as aulas das disciplinas do 9º período, com a anuência dos professores, sem qualquer interferência ou explicação sobre os temas por parte do pesquisador, com alunos presentes em sala de aula no período de 19/05/2016 a 08/06/2016.

Para a análise de dados, foi utilizada a técnica de estatística descritiva e as observações advindas do referencial teórico. Testes adicionais de diferença de média foram aplicados quando as questões respondidas envolviam escala tipo *Likert* de cinco pontos (discordo totalmente – concordo totalmente). Procedeu-se também, de forma adicional, a relação entre as questões envolvendo escala *Likert* e as variáveis sócio-econômicas a fim de verificar se alguma variável guardava vinculação com a dimensão financeira.

Para analisar o nível de gestão financeira dos concluintes foram criados índices para mensurar a situação em relação aos subtemas trabalhados no referencial teórico como fundamentais para a gestão das finanças pessoais, motivando assim a criação dos Índice de Planejamento Financeiro (IPF), Índice de Educação Financeira (IEF), Índice de Comportamento de Consumo (ICC) e o Índice de Endividamento (IE), com a média das

questões referentes aos temas correlacionados nas questões 29 a 51, tomando por base os trabalhos utilizados para a criação dos questionários já citados. Além destes, foi criado o Índice de Gestão das Finanças Pessoais (IGFP), que é uma média de todas as questões que utilizam a escala (Quadro 3.2). Todos os índices variam de 1 a 5 e quanto maior o valor, melhor é considerado a gestão financeira do respondente.

Quadro 3.2: Construção dos indicadores de gestão financeira

Índice	Média das Questões
Índice de Planejamento Financeiro (IPF)	31, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 47 e 51
Índice de Educação Financeira (IEF)	29, 30, 32, 43, 44, 45 e 49
Índice de Comportamento de Consumo (ICC)	33, 34, 37, 42, 46, 47, 48, 50 e 51
Índice de Endividamento (IE)	36, 46 e 51
Índice de Gestão das Finanças Pessoais (IGFP)	29 a 51

Fonte: Elaborado pelo autor

Para verificar a relevância na diferença entre médias encontradas, foi utilizado o teste de diferença de média, cujos procedimentos seguidos foram apresentados por Larson e Farber (2010), atribuindo significância estatística através das tabelas normalizadas.

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

O principal objetivo desse trabalho consiste em mostrar como os concluintes do curso de administração da UFPE/CAA lidam com as finanças pessoais. Neste capítulo, serão apresentados inicialmente alguns dados de como os concluintes em administração lidam com as finanças pessoais, em seguida, os resultados da pesquisa em relação aos indicadores criados e a análise quanto a formação coletiva do administrador.

4.1 FINANÇAS PESSOAIS DOS CONCLUINTES

A amostra da pesquisa é composta por 85 estudantes, sendo 48 matriculados a noite e 37 no período matutino, com idade média de 23,5 anos e que já passaram em média 8,6 semestres na graduação, tempo suficiente para que os conhecimentos adquiridos ao longo do curso sensibilizem o comportamento da amostra.

No que se refere a renda, a distribuição de rendimento líquido entre os respondentes é, em sua maior parte, até 3 salários mínimos (Figura 4.1).

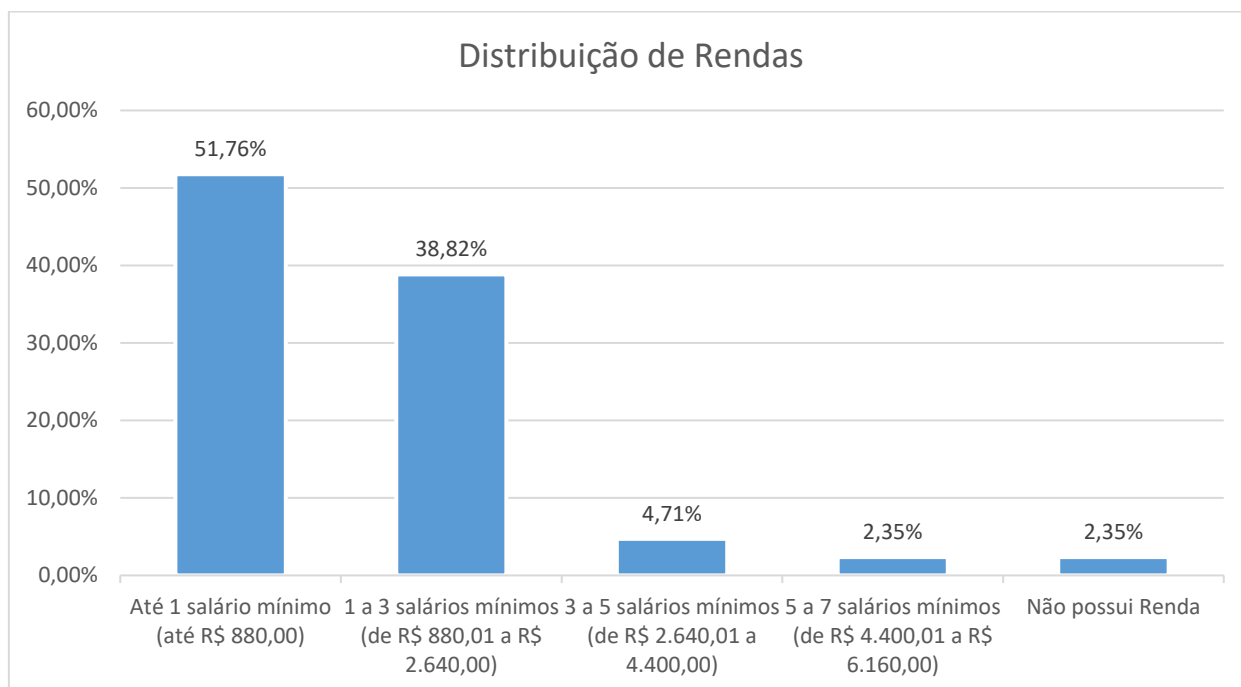


Figura 4.1: Distribuição de Renda dos Concluintes

Fonte: Resultados da pesquisa

Devido à baixa média de idade dos respondentes, infere-se que estes ainda estão no

começo de suas trajetórias profissionais, o que justifica a maior parte da amostra possuir renda de até 3 salários mínimos. É possível que a quantidade de rendimentos interfira nas decisões de consumo e poupança dos agentes. Por isso, a baixa incidência de respondentes com rendimentos maiores acaba por se tornar uma limitação da pesquisa.

No que diz respeito a poupança, os concluintes, em sua maioria, pouparam até 10% de seus rendimentos (Figura 4.2).

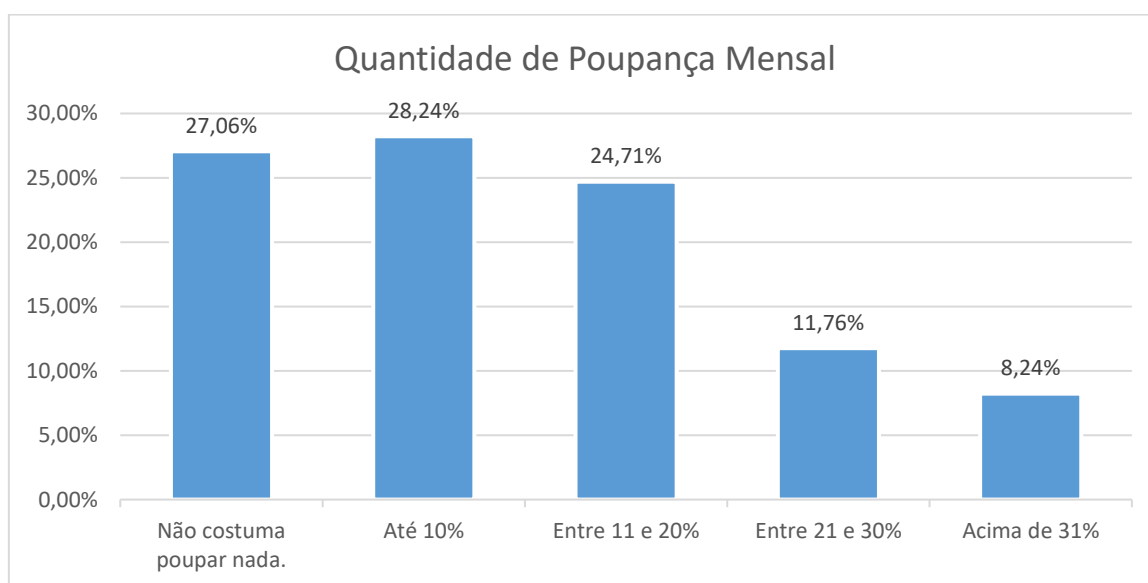


Figura 4.2: Quantidade de Poupança dos Concluintes

Fonte: Resultados da pesquisa

Como é percebido no gráfico (Figura 4.2), mais de 50% da amostra ou não pouparam nada ou pouparam até 10% apenas dos seus rendimentos. Essa realidade sinaliza o pensamento colocado de Halles, Sokolowski e Hilgemberg (2007) de que a percepção de riqueza é associada a acumulação e ostentação de bens e não ao acúmulo de valores que possam ser utilizados em situações imprevistas ou na realização de objetivos diversos ao longo da vida.

Essa baixa taxa de poupança também pode ser considerada uma deficiência em planejamento financeiro, pois, em sua maioria, os respondentes não tem grandes reservas financeiras para imprevistos (Figura 4.3).

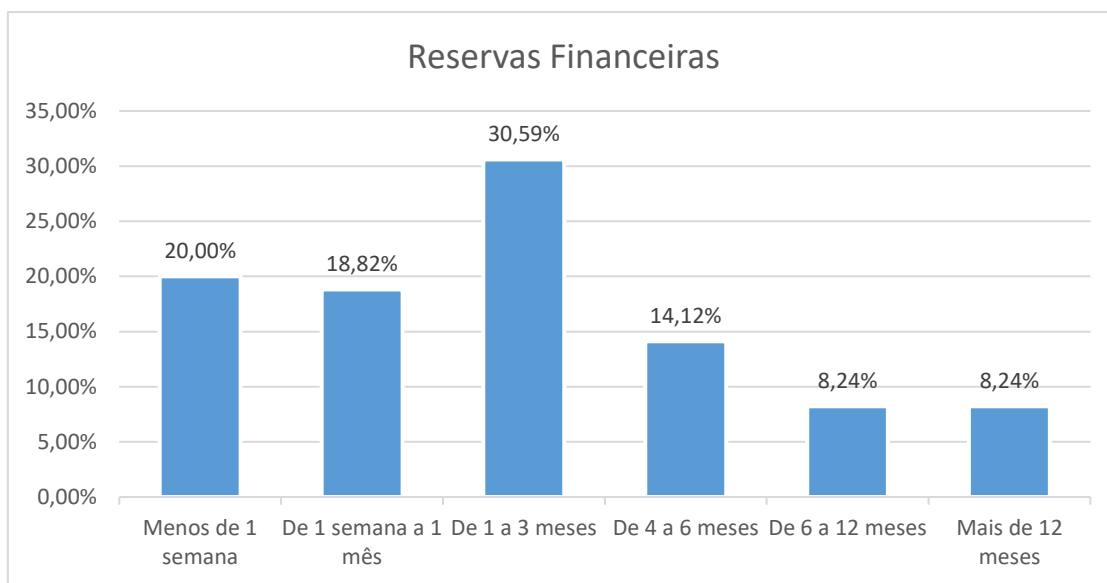


Figura 4.3: Reserva Financeira dos Concluintes

Fonte: Resultados da pesquisa

Conforme é mostrado no gráfico (Figura 4.3), em caso de desemprego ou perda de rendimentos, apenas 30,6% da amostra conseguiria manter o atual padrão de vida por mais de 3 meses.

Em se tratando de endividamento, os dados coletados mostram que os concluintes, em sua maioria (75,29%), ou não possuem dívidas ou as pagam em dia e com folga (Figura 4.4).

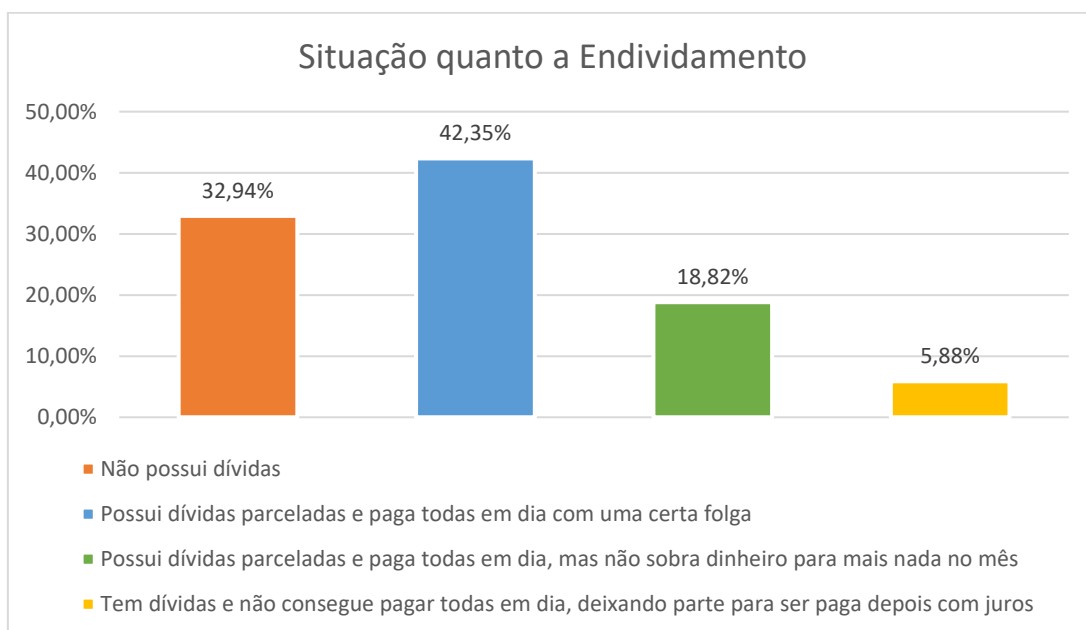


Figura 4.4: Situação quanto a Endividamento dos Concluintes

Fonte: Resultados da pesquisa

Sobre isso, é possível ressaltar o que já foi exposto por Matsumoto (2013), que a educação financeira não se trata apenas de saber lidar com contas bancárias e projetar orçamento para poupança futura, mas também conseguir ter boas decisões de consumo, investimentos e poupança de acordo com a sua realidade financeira. Essa adequação de consumo/poupança a realidade financeira é reproduzida na situação de endividamento em que um indivíduo se encontra.

Em se tratando de educação financeira, ao se questionar o grau de importância das diversas fontes de conhecimento para se fazer gestão financeira, a média das respostas em uma escala de 1 a 5, em que 5 é mais importante e 1 menos importante, obteve-se os seguintes resultados por ordem de importância: Experiência prática (3,953); Em casa com a família (3,619); Aulas da faculdade (3,250); Revistas, Livros, Internet, TV/Rádio (2,881) e Conversa com amigos (2,119) (Figura 4.5).

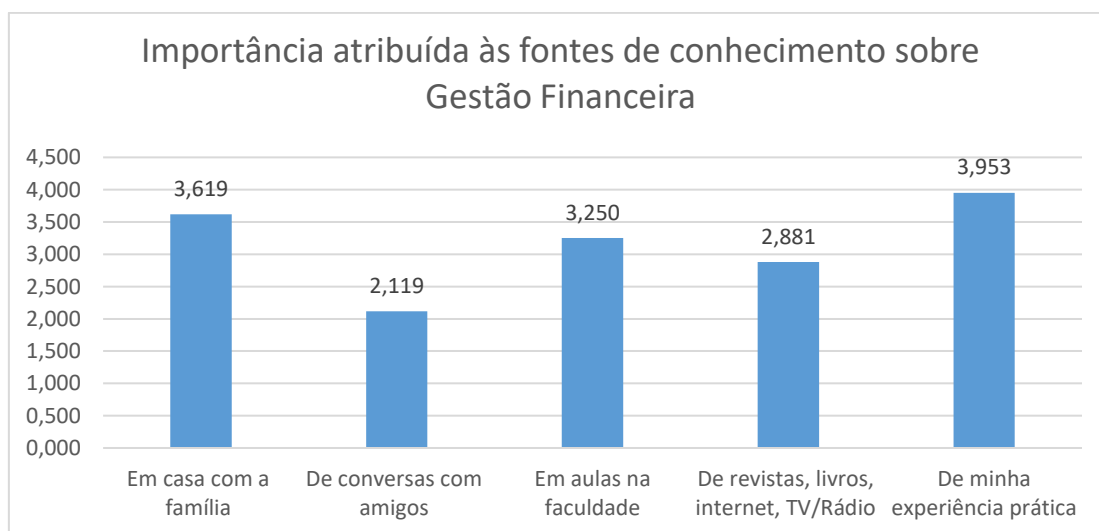


Figura 4.5: Importância atribuída às fontes de conhecimento sobre Gestão Financeira

Fonte: Resultados da pesquisa

Esse resultado mostra que, no processo educacional em gestão financeira, a experiência prática e conhecimentos advindos da família, na visão dos concluintes, são mais importantes do que as próprias aulas na faculdade. Esse é um forte indício que reforça a ideia de que o *habitus* adquirido ao longo da vida e a instituição família tem um grande peso nos conhecimentos sobre gestão, no caso estudado nesta pesquisa, a gestão financeira.

Outro ponto em que as finanças pessoais podem ser confrontadas com decisões administrativas é no planejamento de longo prazo, para esse item, a pesquisa buscou verificar

o posicionamento da amostra em relação a aposentadoria (Figura 4.6).

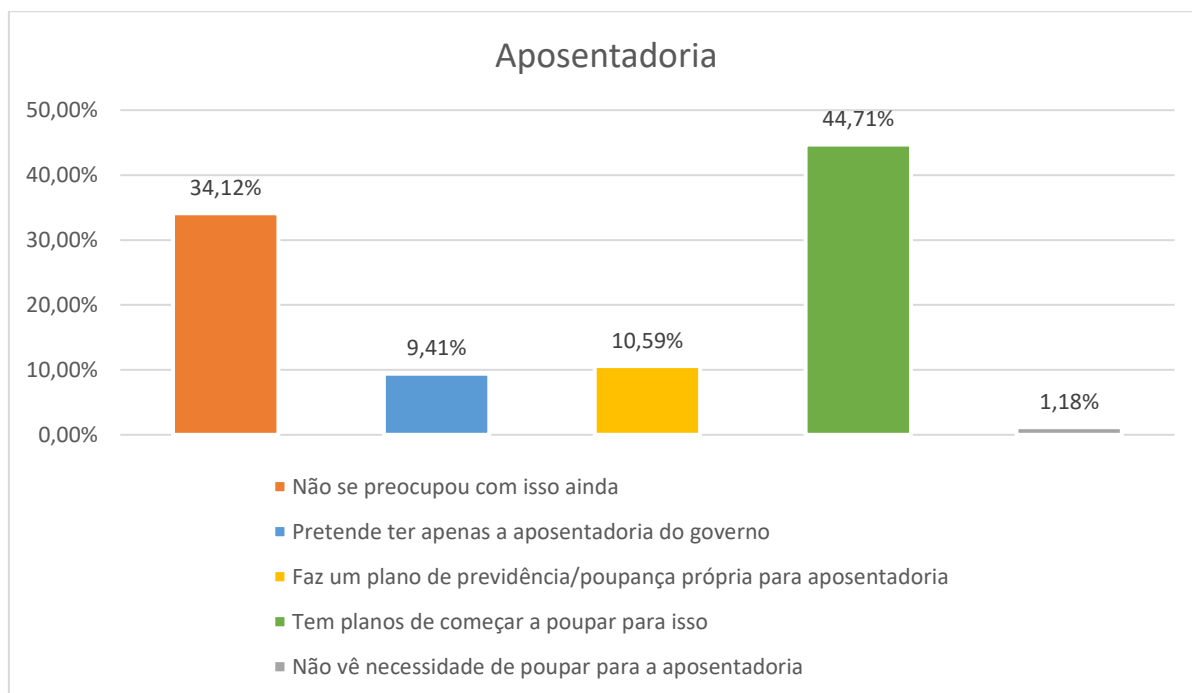


Figura 4.6: Pensamento sobre Aposentadoria dos Concluintes

Fonte: Resultados da pesquisa

Nota-se que a maioria dos respondentes (78,83%) ou não se preocupou, ou até tem planos de começar a poupar, mas ainda não começou a executar nenhum plano concreto, o que pode ser um reflexo da baixa idade da maior parte dos respondentes, tendo em vista que as preocupações com aposentadoria tendem a aumentar a medida que o indivíduo vislumbra de maneira mais próxima o gozo do benefício.

Através das informações até aqui demonstradas, é possível afirmar que foi atingido o objetivo geral deste trabalho, ou seja, entender como os concluintes em administração lidam com a dimensão do planejamento financeiro (finanças pessoais). Para atingir os objetivos específicos do trabalho, isto é, verificar fatores que podem influenciar as boas práticas de gestão das finanças pessoais, a correlação entre a educação financeira e a gestão das finanças pessoais e as possíveis relações entre algumas instituições formadoras do *habitus* do indivíduo e as boas práticas de planejamento financeiro, será iniciada, a seguir, a análise dos indicadores criados para mensurar a gestão financeira da amostra.

4.2 INDICADORES DE GESTÃO FINANCEIRA

A amostra apresentou um Índice de Gestão das Finanças Pessoais (IGFP) de 3,992,

que pode ser considerado satisfatório, pois demonstrou que os concluintes possuem uma preocupação com gestão das finanças pessoais, apesar de não estarem totalmente aptos nesse quesito. Neste sentido, percebe-se certa insegurança por parte da amostra quanto a própria gestão financeira, pois, quando questionados sobre a possibilidade de incluir uma disciplina específica de educação financeira, com enfoque em finanças pessoais, na grade curricular do curso, 82,35% dos respondentes consideraram muito importante a inclusão dessa disciplina, possivelmente por apresentarem algum tipo de dificuldade no assunto.

Dentre os índices específicos, destaca-se o menor valor atingido, referente ao Índice de Planejamento Financeiro (IPF), com 3,799, e o maior valor, referente ao Índice de Educação Financeira (IEF), com 4,296. O valor do Índice de Comportamento de Consumo (ICC) foi de 3,907 e do Índice de Endividamento (IE) foi de 4,031.

No que diz respeito ao turno, a maioria dos concluintes, 48 (56,47%), está matriculada no período noturno e apresentou um IGFP = 4,008, enquanto 37 (43,53%) estão matriculados na manhã e apresentaram um IGFP = 3,971. Contudo, essa diferença encontrada apresentou um $Z_c = -0,3399$ (significância em 36,70%) e, portanto, não se mostrou relevante.

Quanto ao estado civil, 73 (85,88%) respondentes são solteiros e apresentaram um IGFP = 3,987 e 12 (14,12%) são casados ou estão em uma união estável e apresentaram um IGFP = 4,022 (Tabela 4.1). Para o exemplo em questão, apesar da tabela 4.1 mostrar o teste de médias, a rigor não se poderia usar o teste pelo critério apresentado por Larson e Faber (2010), pois uma das amostras tem tamanho inferior a 30.

Tabela 4.1: Teste de médias por estado civil

Solteiros			Casados/União Estável			Teste de Médias		
	Valor	σ		Valor	σ		Valor	Significância
n:	73		n:	12				
IPF:	3,810	0,446	IPF:	3,731	0,593	Zc IPF:	0,4404	32,98%
IEF:	4,270	0,298	IEF:	4,452	0,300	Zc IEF:	-1,9532	2,54%
ICC:	3,901	0,543	ICC:	3,944	0,460	Zc ICC:	-0,2945	38,42%
IE:	4,046	0,486	IE:	3,944	0,614	Zc IE:	0,5435	29,34%
IGFP:	3,987	0,487	IGFP:	4,022	0,576	Zc IGFP:	-0,2003	42,06%

Fonte: Resultados da pesquisa, 2016

O resultado aponta, para o grupo dos Casados/União Estável, uma melhora nos índices IEF e ICC, mas apresenta uma piora nos índices IPF e IE. Tal resultado mostra, como já apontado por Kotler e Keller (2006), que mudanças no estágio de vida afetam o comportamento

de consumo e tomada de decisão. Os resultados indicam ainda que pessoas que estão em um casamento/união estável tem maior consciência/educação financeira, com comportamento de consumo mais adequado. Entretanto, os solteiros tendem a manter um melhor planejamento financeiro e comportamento menos propício ao endividamento em relação aos casados. Seria necessário, então, verificar se esse endividamento, entre os casados, é decorrente da aquisição de bens de maior valor, como imóvel e veículo, indispensáveis, ou da aquisição de bens supérfluos. Evidências dessas diferenças de comportamento financeiro por estado civil se confirmam quando é verificado o uso ou não de orçamento ou plano de gastos (Figuras 4.7).

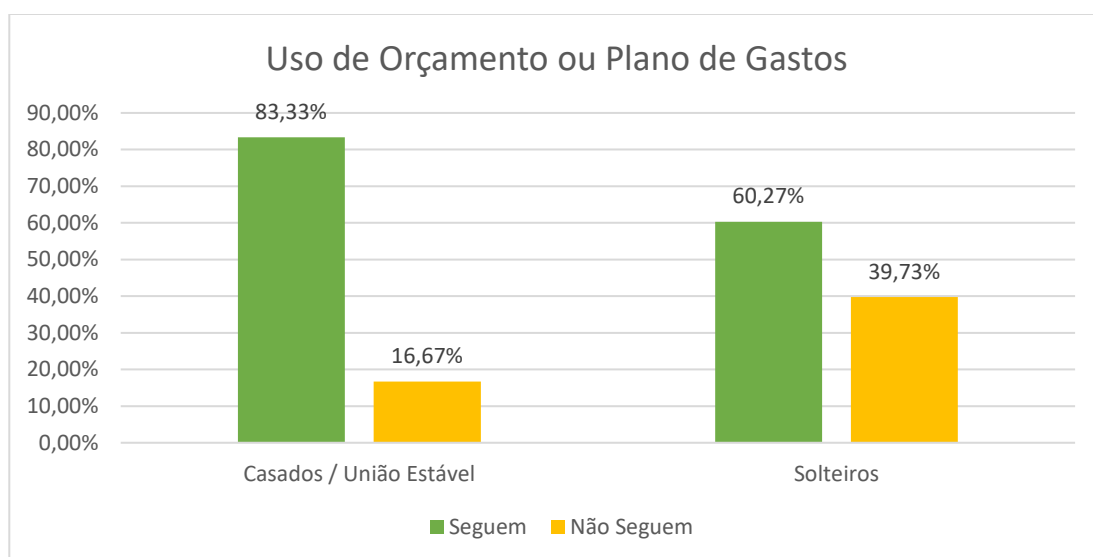


Figura 4.7: Uso de orçamento ou plano de gastos por estado civil
Fonte: Resultados da pesquisa, 2016

Quanto ao gênero, 48 (56,47%) respondentes são homens e apresentaram um IGFP = 4,043 e 37 (43,53%) são mulheres e apresentaram um IGFP = 3,924 (Tabela 4.2).

Tabela 4.2: Teste de médias por gênero

Homens			Mulheres			Teste de Médias		
	Valor	σ		Valor	σ		Valor	Significância
n:	48		n:	37				
IPF:	3,859	0,463	IPF:	3,722	0,483	Zc IPF:	1,3191	9,36%
IEF:	4,292	0,313	IEF:	4,301	0,286	Zc IEF:	-0,1455	44,22%
ICC:	4,009	0,481	ICC:	3,775	0,585	Zc ICC:	1,9774	2,40%
IE:	4,160	0,557	IE:	3,865	0,459	Zc IE:	2,6734	0,38%
IGFP:	4,043	0,469	IGFP:	3,924	0,539	Zc IGFP:	1,0705	14,22%

Fonte: Resultados da pesquisa, 2016

O resultado aponta uma diferença nos IPF, ICC e IE com significância em menos de 10%. Esse resultado está de acordo com a pesquisa de Mallmann *et al.* (2009) mostrando que as mulheres têm uma maior propensão ao endividamento e ao consumo compulsivo.

Pode-se verificar ainda que as mulheres tendem a comprometer mais as suas rendas. O número de mulheres com 30% ou mais dos seus rendimentos comprometidos com parcelamentos, dívidas, cartões e carnês é 7,38% maior que o dos homens (Figura 4.8). Neste ponto, vale ressaltar que não é recomendável comprometer mais do que 30% da renda com prestações, sendo inclusive o limite estipulado pela Lei 10.820/2003 para comprometimento com empréstimos consignados.

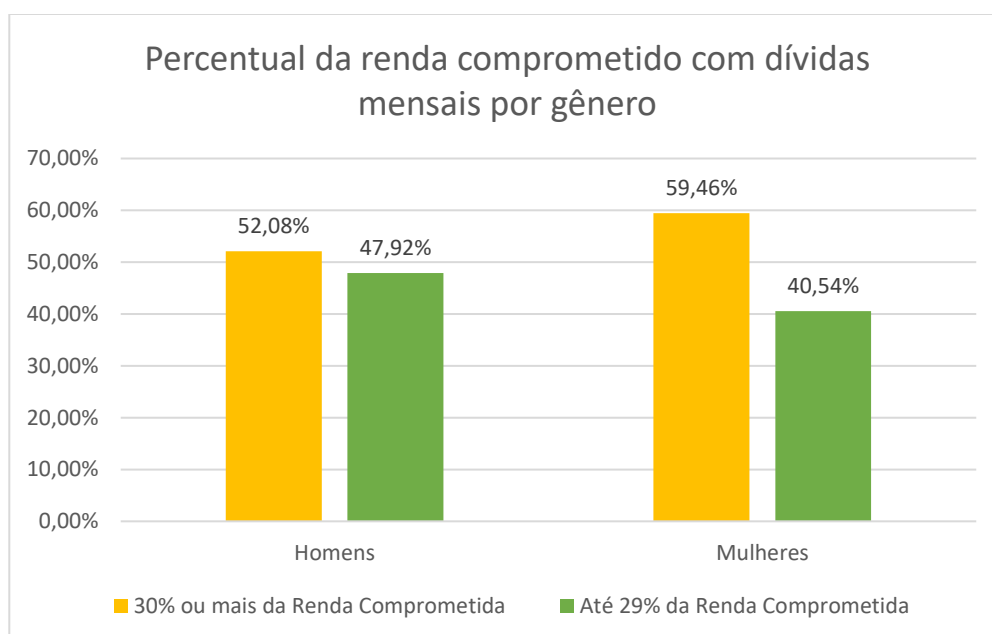


Figura 4.8: Percentual da renda comprometido com dívidas mensais por gênero
Fonte: Resultados da pesquisa, 2016

Separando a amostra entre os que seguem um orçamento ou plano de gastos e os que não seguem foram encontradas as diferenças mais relevantes (Tabela 4.3).

Tabela 4.3: Teste de médias entre os que seguem ou não orçamento

Sim			Não			Teste de Médias		
	Valor	σ		Valor	σ		Valor	Significância
n:	54		n:	31				
IPF:	3,959	0,420	IPF:	3,521	0,547	Zc IPF:	3,8485	0,01%
IEF:	4,354	0,311	IEF:	4,194	0,331	Zc IEF:	2,2087	1,36%
ICC:	4,016	0,495	ICC:	3,717	0,570	Zc ICC:	2,4442	0,73%
IE:	4,185	0,449	IE:	3,763	0,599	Zc IE:	3,4060	0,03%
IGFP:	4,108	0,457	IGFP:	3,789	0,575	Zc IGFP:	2,6459	0,41%

Fonte: Resultados da pesquisa, 2016

Entre os que seguem orçamento, todos os índices foram melhores e com relevância estatística. Quando se cria a rotina de seguir um orçamento, invariavelmente se planeja o futuro e se estabelecem mecanismos de controle, atividades típicas de um administrador. Dessa forma, seguir um orçamento de maneira frequente, contribui para incorporação de práticas de gestão e ao acúmulo de conhecimentos em educação financeira e planejamento financeiro.

Ao verificar a diferença entre as médias dos que discutem ou não finanças com a família foi verificada uma significância em 5% no IEF (Tabela 4.4).

Tabela 4.4: Teste de médias entre os que discutem ou não finanças com a família

Sim			Não			Teste de Médias	
	Valor	σ		Valor	σ		Significância
n:	70		n:	15			
IPF:	3,828	0,463	IPF:	3,667	0,570	Zc IPF:	1,0242
IEF:	4,343	0,254	IEF:	4,076	0,616	Zc IEF:	1,6460
ICC:	3,913	0,537	ICC:	3,881	0,463	Zc ICC:	0,2301
IE:	4,005	0,521	IE:	4,156	0,429	Zc IE:	-1,1875
IGFP:	4,021	0,495	IGFP:	3,855	0,578	Zc IGFP:	1,0316

Fonte: Resultados da pesquisa, 2016

Esse resultado reforça o já apresentado na figura 4.5, mostrando que a instituição família tem grande peso no processo de formação do administrador, aqui significante abaixo de 5% apenas no IEF, contudo com significância em 15% no IGFP que poderia ter um valor mais relevante se o tamanho da amostra fosse maior ou um dos grupos estudados nesse quesito não tivesse sido menor do que 30. Esse resultado é central à esta pesquisa, pois indica que a qualidade da decisão em finanças, aqui tratada como uma dimensão da atuação do administrador, começa a ter seus traços no ambiente familiar. Logo, o administrador carrega consigo traços de uma educação financeira, que se projetará para sua experiência profissional, que advém de momentos anteriores à sua formação acadêmica, dando os contornos de uma formação coletiva e social do administrador.

Outro ponto que possivelmente sensibiliza o *habitus* dos estudantes é a convivência anterior com administradores, por isso, foram estudadas também as diferenças existentes entre os que possuem ou não empresário(s) na família (Tabela 4.5).

Tabela 4.5: Teste de médias entre os que possuem ou não empresários na família.

Sim			Não			Teste de Médias	
	Valor	σ		Valor	σ		Significância
n:	30		n:	55			
IPF:	3,726	0,309	IPF:	3,839	0,541	Zc IPF:	-1,2282
IEF:	4,381	0,293	IEF:	4,249	0,325	Zc IEF:	1,9040
ICC:	3,863	0,485	ICC:	3,931	0,554	Zc ICC:	-0,5901
IE:	3,878	0,434	IE:	4,115	0,550	Zc IE:	-2,1882
IGFP:	3,990	0,469	IGFP:	3,992	0,522	Zc IGFP:	-0,0231
							49,08%

Fonte: Resultados da pesquisa, 2016

Novamente, o IEF teve diferença estatisticamente significativa (menor que 5%), e, dessa forma, é possível afirmar que experiências passadas, quer seja seguindo orçamento e criando essa rotina, discutindo decisões financeiras com a família ou convivendo com empresários contribui com a educação financeira. Sendo assim, é crível pensar que, para criar nos futuros gestores uma cultura ou melhorar a educação financeira, não adianta ofertá-la somente na faculdade. A qualidade do gestor não se faz apenas na faculdade, mas num acúmulo de competências que remete tanto a experiência nas IES quanto em experiências anteriores. Isto posto, se é interesse para as escolas de gestão e, mais ainda, para a sociedade, que o profissional saia com esse domínio (finanças pessoais), ao ponto de colocar em prática esses conhecimentos na sua vida profissional, é preciso uma formação prévia, confirmando assim a ideia de formação coletiva do administrador.

Para averiguar a possibilidade da influência de conhecimentos anteriores em educação financeira na gestão financeira atual da amostra, foi verificado, também, se existiam diferenças nas médias atingidas por quem teve educação financeira na escola e quem não teve (Tabela 4.6).

Tabela 4.6: Teste de médias entre os que tiveram ou não educação financeira na escola.

Sim			Não			Teste de Médias	
	Valor	σ		Valor	σ		Significância
n:	17		n:	68			
IPF:	3,889	0,384	IPF:	3,777	0,478	Zc IPF:	1,0220
IEF:	4,353	0,331	IEF:	4,282	0,291	Zc IEF:	0,8146
ICC:	3,843	0,507	ICC:	3,923	0,527	Zc ICC:	-0,5779
IE:	4,137	0,530	IE:	4,005	0,501	Zc IE:	0,9303
IGFP:	4,026	0,495	IGFP:	3,983	0,496	Zc IGFP:	0,3173
							37,55%

Fonte: Resultados da pesquisa, 2016

Nessa comparação, foi constatada a existência de médias um pouco melhores para aqueles que tiveram educação financeira na escola, contudo, esse teste não apresentou significância estatística relevante. A significância, nesse caso, novamente poderia ter valor mais relevante se o tamanho da amostra fosse maior ou um dos grupos estudados nesse quesito não tivesse sido menor do que 30, condição sugerida por Larson e Faber (2010) para a aplicação deste teste. Outro ponto que chama a atenção é o fato de que a grande maioria dos concluintes não teve acesso a esse conhecimento na escola. Como já discutido, a educação financeira é importante, não somente para a formação de administradores, mas também para promover uma cidadania mais consciente.

Verificando-se a influência da escolaridade dos pais, foi encontrado um resultado inesperado, pois, os estudantes cujos pais possuem um nível menor de escolaridade apresentaram melhores indicadores (Tabela 4.7).

Tabela 4.7: Teste de médias comparando nível de escolaridade dos pais.

Pais com nível fundamental			Pais com nível superior			Teste de Médias		
	Valor	σ		Valor	σ		Valor	Significância
n:	24		n:	25				
IPF:	3,972	0,409	IPF:	3,729	0,455	Zc IPF:	1,9717	2,43%
IEF:	4,274	0,309	IEF:	4,349	0,406	Zc IEF:	-0,7275	23,35%
ICC:	4,116	0,492	ICC:	3,880	0,556	Zc ICC:	1,5732	5,78%
IE:	4,264	0,497	IE:	3,893	0,545	Zc IE:	2,4894	0,64%
IGFP:	4,120	0,435	IGFP:	3,976	0,549	Zc IGFP:	1,0194	15,40%

Fonte: Resultados da pesquisa, 2016

Para esse comparativo não foram considerados os alunos que os pais possuem ensino médio completo ou incompleto (36 respondentes), a fim de comparar os extremos opostos. Além disso, não se considerou a recomendação de Larson e Faber (2010) para o tamanho mínimo dos grupos (30), limitando a aplicação do teste de médias. Neste caso, possivelmente, o resultado ocorre devido ao fato de que pais que tiveram origem humilde e com poucas oportunidades investem mais na educação dos filhos, por meio do compartilhamento de experiências no âmbito familiar, ressaltando a necessidade de planejamento e controle para conseguir atingir os objetivos financeiros propostos do que pais que estão em melhor condição financeira, para os quais a existência de controles financeiros mais rígidos não é tão necessária para evitar o sobre-endividamento.

Comparando as médias entre os que tiveram experiência prática por já terem

trabalhado na área financeira, foi observado um melhor IGFP para aqueles que tem experiência (4,068) do que para aqueles que não tiveram essa prática (3,976), porém o comparativo não foi estatisticamente relevante, apresentando um Z_c de 0,676 (24,95%). A aplicação do teste comparativo de médias, mais uma vez, foi prejudicada pelo não atendimento das condições propostas por Larson e Faber (2010) para o tamanho mínimo dos grupos (30), visto que apenas 14 concluintes já tiveram essa experiência.

Diante das discussões aqui realizadas, é possível afirmar que os concluintes de administração da UFPE/CAA possuem uma boa gestão das finanças pessoais, em especial por possuírem satisfatório conhecimento de educação financeira e boa situação quanto a endividamento, apesar de não realizarem um bom planejamento financeiro. É possível também afirmar que a construção dos conhecimentos necessários ao administrador não é feita somente na faculdade, sendo necessário incentivar a inclusão da educação financeira na escola, o uso de orçamentos pelos jovens e discussões sobre a temática no âmbito familiar, promovendo, assim, uma melhor qualidade do empresariado brasileiro e uma sociedade com consumidores mais conscientes.

CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi evidenciado, conclui-se que foi possível entender como os concluintes em administração lidam com a dimensão do planejamento financeiro (objetivo geral), bem como verificar fatores que podem influenciar as boas práticas de gestão das finanças pessoais, a relação entre a educação financeira e a gestão das finanças pessoais e as possíveis relações entre algumas instituições formadoras do *habitus* do indivíduo e as boas práticas de planejamento financeiro (objetivos específicos). Desse modo, é possível afirmar que os objetivos delineados foram alcançados.

Mesmo que não tenha sido possível atribuir significância a variável “educação financeira na escola”, em decorrência do pequeno número de respondentes na amostra que tiveram essa oportunidade, foi verificado que seguir um orçamento ou plano de gastos é extremamente relevante e, dada a sua significância, tudo leva a crer que se esse instrumento for incluído na educação de crianças e jovens, desde a sua formação na escola e no âmbito familiar, isso vai projetar uma geração com maior capacidade de gestão de suas próprias finanças, evitando problemas como o sobre-endividamento da população, que repercutirá num profissional mais competente na gestão financeira.

Outro ponto importante é que algumas instituições formadoras do *habitus* mostraram interferir na educação financeira e, sendo assim, para melhorar a qualidade do empresariado brasileiro, garantindo uma maior sobrevivência das organizações, é importante pensar a formação dos administradores para além da faculdade, construindo um processo de formação coletiva do administrador, em que competências podem ser trabalhadas no relacionamento do indivíduo com outras instituições, tais como família, escola, igreja etc.

Algumas limitações se fizeram presentes no desenvolvimento deste trabalho. Devido à faixa etária da maioria dos respondentes e a pouca experiência no mercado de trabalho, a amostra não teve a heterogeneidade necessária para verificar a influência de fatores como renda e idade nos comportamentos de gestão das finanças pessoais. Apesar do quantitativo de respondentes ter se mostrado satisfatório para atingir os objetivos, a pesquisa poderia ter resultados estatisticamente mais relevantes com uma população e amostra maior. A não diversificação de regiões sócio-demográficas também pode influenciar os resultados aqui alcançados. Recomenda-se que pesquisas futuras procurem mais de uma universidade em regiões diferentes do país para que possam sanar tais limitações.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Paola Flávia de Lucena Mandelli. **Planejamento Financeiro**. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/economia-efinancas/planejamento-financeiro/29100/>>. Acesso em 17 mar. 2016.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70, 2008.

BOURDEIU, Pierre. “Fieldwork in philosophy”. In: **Coisas Ditas**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1990. p.15-48

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração geral e pública**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

CONTO, Samuel Martim et al. O COMPORTAMENTO DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DO VALE DO TAQUARI EM RELAÇÃO ÀS FINANÇAS PESSOAIS. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 8, n. 2, p. 182-206, 2016.

ESTADÃO. **Endividamento das famílias atinge maior taxa deste outubro**. 25 mar. 2015. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,endividamento-das-familias-atinge-maior-taxa-desde-outubro,1657718>>. Acesso em: 25 dez. 2015.

FERNANDES, A. H. de S.; CANDIDO, J. G. Educação Financeira e nível do endividamento: Relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**, São Paulo, v. 5 n. 2, jul./dez. 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios da administração financeira**. São Paulo: Hbra, 1997

HALLES, C. R.; SOKOLOWSKI, R.; HILGEMBERG, E. M. **O planejamento financeiro como instrumento de qualidade de vida**. 2007. Disponível em:<http://www.escoladegoverno.pr.gov.br/arquivos/File/anais/painel_gestao_orcamentaria_financeira_e_recursos_humanos/o_planejamento.pdf>. Acesso em 17 mar. 2016.

JUNIOR, Rabelo; SARAIVA, Tarcísio; IKEDA, Ricardo Hirata. Mercados eficientes e arbitragem: um estudo sob o enfoque das finanças comportamentais. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 15, n. 34, p. 97-107, 2004.

KOTLER, P.; KELLER, K. L. **Administração de marketing**. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

LACOMBE, F.; HEILBORN. G. **Administração: princípios e tendências**. São Paulo: Saraiva, 2006.

LARSON, R.; FARBER, B. **Estatística aplicada**. 4.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza *et al.* O *Habitus* de uma Rede em Expansão: as disposições do arranjo vitivinícola do Vale do São Francisco. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 15, n. 46, p. 39, 2013

LORENSI, Marcos; *et al.* Principais fatores causadores da inadimplência. **Anais-Seminário de Iniciação Científica de Ciências Contábeis**, Caxias do Sul, v. 2, n. 1, 2013.

LUCCI, Cíntia R.; *et al.* **A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos**. FEA - Faculdade de Economia e Administração – USP. São Paulo, 2006.

MALLMANN, Estela Isabel *et al.* **Finanças Pessoais: Análise dos gastos e da propensão ao endividamento em estudantes de Administração**. In: XII SEMEAD, 2009, São Paulo. XII SEMEAD: Empreendedorismo e Inovação, 2009.

MARKOWITZ, Harry. Portfolio selection. **The journal of finance**, v. 7, n. 1, p. 77-91, 1952.

MATSUMOTO, ALBERTO SHIGUERU. **EDUCAÇÃO FINANCEIRA: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ESTUDANTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA (PR) E UMA PRIVADA (DF)**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade Católica de Brasília.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Introdução à Administração**. São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Estrutura e sujeito, determinismo e protagonismo histórico: uma reflexão sobre a práxis da saúde coletiva. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 6, n. 1, p. 7-19, 2001.

MOREIRA, Flávia Cristina *et al.* **FINANÇAS COMPORTAMENTAIS: AVALIAÇÃO DO PERFIL E COMPORTAMENTO DOS ALUNOS DAS ÁREAS DE EDUCAÇÃO,**

CIÊNCIAS JURÍDICAS E GERENCIAIS DA FEOL. **REVISTA ACADÊMICA FEOL**, v. 2, n. 1, p. 16-32, 2015.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. Improving Financial Literacy – Analysis of issues and policies. Paris, 2005.

PECI, A; SOBRAL, F. **Administração: teoria e prática no contexto brasileiro**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008.

PESSINI, Camila *et al.* PRINCIPAIS FATORES CAUSADORES DA INADIMPLÊNCIA. **Anais-Seminário de Iniciação Científica de Ciências Contábeis**, v. 2, n. 1, 2013.

ROSS, Stephen A., WERTERFIELD, Randolph W., JORDAN, Bradford D., **Princípios de administração financeira**; tradução Antonio Zoratto Sanvicente. São Paulo: Atlas, 1998.

SANTOS, Adla Carla; SILVA, Maciel. IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO FINANCEIRO NO PROCESSO DE CONTROLE DO ENDIVIDAMENTO FAMILIAR: UM ESTUDO DE CASO NAS REGIÕES METROPOLITANAS DA BAHIA E SERGIPE. **Revista Formadores**, v. 7, n. 1, p. 05-17, 2014.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, 2007.

SEBRAE - SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Sobrevivência das empresas no Brasil**. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/PortalSebrae/Anexos/Sobrevivencia_das_empresas_no_Brasil=2013.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2015.

SERASA EXPERIAN. **Estudo inédito da Serasa Experian traça o Mapa da Inadimplência no Brasil em 2014**. Disponível em: <<http://www.serasaexperian.com.br/estudo-inadimplencia/>>. Acesso em: 25 dez. 2015.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. 2006.

SCHIMITH, C. D. **Modelo de planejamento financeiro integrado ao planejamento estratégico pessoal**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

SOARES, Isabel *et al.* Decisões de Investimento – **Análise Financeira De Projetos**. Edições Sílabo, 2015.

SPC BRASIL (Brasil). CndL. **Número de empresas inadimplentes aumenta em agosto**. Disponível em: <www.cndl.org.br/noticia/numero-de-empresas-inadimplentes-aumenta-em-agosto>. Acesso em: 25 dez. 2015.

STRATE, Anete Berenice Schaeffer. Implicações provenientes da elaboração de um orçamento familiar. 2010.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP Rio de Janeiro**, v. 40, n. 1, p. 27-55, 2006.

VERGARA, S.C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 6 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

VIEIRA, Kelmara Mendes *et al.* Níveis de Materialismo e Endividamento: Uma Análise de Fatores Socioeconômicos na Mesorregião Central do Estado no Rio Grande Do Sul. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**, v. 5, n. 2, 2014.

VIEIRA, S. F. A.; BATAGLIA, R. T. M.; SEREIA, V. J. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do Norte do Paraná. **Revista de Administração da Unimep**, v. 9, n. 3, p. 61-86, 2011.

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO

Prezado(a), esta pesquisa está sendo realizada com a finalidade de compreender como os discentes do curso de administração da UFPE/CAA lidam com a dimensão do planejamento financeiro (finanças pessoais). Os resultados apurados serão utilizados no trabalho de conclusão de curso do graduando em administração **EMANUEL RODRIGUES AMORIM**, sob a orientação do Prof. M.Sc. José Lindenberg Julião Xavier Filho. Nenhuma resposta será analisada individualmente, mantendo total sigilo das informações prestadas. Por gentileza, colabore respondendo o questionário abaixo sendo o mais sincero possível. O tempo estimado para responder todo o questionário é de, no máximo, 3 (três) minutos.

1. Qual o ano e semestre de ingresso no Curso de Administração da UFPE/CAA?

Ex.: 2014.2; 2015.1

2. Em qual turno está matriculado?

() Manhã

() Noite

3. Gênero

() Masculino

() Feminino

() Outros _____

4. Idade? _____ anos

5. Estado Civil

() Solteiro

() Casado/União Estável

() Separado/Divorciado

() Viúvo

() Outros

6. Quantas pessoas moram em sua residência?

() Moro sozinho

() 2 pessoas

() 3 pessoas

() 4 pessoas

() 5 ou mais pessoas

7. Você possui religião? Se sim, qual? (Aqui poderá ser respondida a crença independentemente de possuir vínculo a uma igreja/templo)

8. Qual o maior grau de escolaridade dos seus pais?

() Ensino Fundamental Incompleto

() Ensino Fundamental Completo

() Ensino Médio Incompleto

() Ensino Médio Completo

- ☐ Ensino Superior Incompleto
- ☐ Ensino Superior Completo
- ☐ Pós-graduação Completo ou Incompleto

9. Qual é a sua principal fonte de renda?

- ☐ Não possuo renda
- ☐ Faço trabalhos esporádicos e recebo renda variáveis
- ☐ Tenho emprego e renda fixa
- ☐ Tenho emprego e recebo uma renda variável (comissões etc.)
- ☐ Recebo bolsa ou algum outro tipo de incentivo do governo
- ☐ Recebo um valor fixo mensal de meus pais
- ☐ Recebo valores de meus pais a medida que tenho necessidade
- ☐ Outras fontes de renda: _____

10. Qual a sua Renda Líquida mensal individual?

- ☐ Até 1 salário mínimo (até R\$ 880,00)
- ☐ 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 880,01 a R\$ 2.640,00)
- ☐ 3 a 5 salários mínimos (de R\$ 2.640,01 a 4.400,00)
- ☐ 5 a 7 salários mínimos (de R\$ 4.400,01 a R\$ 6.160,00)
- ☐ Acima de 7 salários mínimos (acima de R\$ 6.160,00)

11. Qual a sua Renda Líquida mensal Familiar (Você + outras pessoas que moram na mesma residência)?

- ☐ Até 1 salário mínimo (até R\$ 880,00)
- ☐ 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 880,01 a R\$ 2.640,00)
- ☐ 3 a 5 salários mínimos (de R\$ 2.640,01 a 4.400,00)
- ☐ 5 a 7 salários mínimos (de R\$ 4.400,01 a R\$ 6.160,00)
- ☐ Acima de 7 salários mínimos (acima de R\$ 6.160,00)

12. Você obteve algum conhecimento de educação financeira na escola?

- ☐ Sim
- ☐ Não

13. Onde você adquiriu a maior parte dos seus conhecimentos para gerir o seu dinheiro? Preencha as lacunas por ordem decrescente de importância

(1 – mais importante, 2 – importância média-alta, 3 – importância média, 4 – importância média-baixa, 5 – menos importante).

- ___ Em casa com a família
- ___ De conversas com amigos
- ___ Em aulas na faculdade
- ___ De revistas, livros, internet, TV/Rádio
- ___ De minha experiência prática

14. Você discute as decisões financeiras dentro de casa com pais, irmãos, companheiro(a)?

- ☐ Sim
- ☐ Não

15. Na sua família existe algum empresário?

- ☐ Sim
- ☐ Não

16. Você possui algum dependente financeiro (filhos, esposa etc)?

- ☐ SIM Quantos: _____
- ☐ NÃO

17. Você trabalha ou já trabalhou na área financeira?

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

18. Nos últimos 12 meses, você tem poupado alguma parte dos seus rendimentos? Se sim, quanto você poupa por mês?

- ☐ Não, não costumo poupar nada.
- ☐ até 10%
- ☐ entre 11 e 20%
- ☐ entre 21 e 30%
- ☐ acima de 31%

19. Você segue um orçamento ou plano de gastos semanal ou mensal?

- ☐ Sim
- ☐ Não

20. No caso de perda total da sua fonte de rendimentos (salário, pró-labore, outros), por quantos meses você conseguiria manter o atual padrão de vida utilizando as suas economias?

- ☐ Menos de 1 semana
- ☐ De 1 semana a 1 mês
- ☐ De 1 a 3 meses
- ☐ De 4 a 6 meses
- ☐ De 6 a 12 meses
- ☐ Mais de 12 meses

21. Considerando a possibilidade de inserir na grade curricular do seu curso uma disciplina específica de Educação Financeira (lições para a vida, de como gerir o seu próprio dinheiro). Você a considera:

- ☐ Muito importante
- ☐ Média importância
- ☐ Pouca importância
- ☐ Nenhuma importância

22. Em relação a endividamento e inadimplência, você:

- ☐ Não possui dívidas
- ☐ Possui dívidas parceladas e paga todas em dia com uma certa folga
- ☐ Possui dívidas parceladas e paga todas em dia, mas não sobra dinheiro para mais nada no mês
- ☐ Tem dívidas e não consegue pagar todas em dia, deixando parte para ser paga depois com juros
- ☐ Até conseguiria pagar todas as prestações do mês, mas prefere deixar para pagar depois de forma a não comprometer o consumo de bens e lazer no mês corrente

23. Você já contraiu dívidas que não conseguiu pagar?

- ☐ Sim
- ☐ Não

24. Considerando o total da sua renda mensal, você saberia me dizer aproximadamente qual o percentual desta renda está comprometido com dívidas mensais, como cartões de crédito, carnês de loja, empréstimo pessoal ou prestações de financiamentos?

- ☐ Mais de 50%
- ☐ De 31 a 50%
- ☐ De 21 a 30%
- ☐ De 11 a 20%
- ☐ De 0 até 10%

25. Se você tivesse recursos para investir, sem ter um prazo definido para resgatar, em que investiria?

26. Ao realizar uma compra, você compra por quê?

- ☐ Planejou com antecedência.
- ☐ Tem necessidade.
- ☐ Está na promoção.
- ☐ Está em liquidação.
- ☐ Tem crédito pré-aprovado.
- ☐ Outros _____

27. Como você realiza o acompanhamento dos seus gastos mensais?

- ☐ Não realizo.
- ☐ Caderno de anotações
- ☐ Planilha eletrônica.
- ☐ Extrato bancário
- ☐ Fatura cartão de crédito
- ☐ Comprovante cartão de débito.
- ☐ Outros _____

28. Em relação à sua aposentadoria, qual das alternativas abaixo melhor representa sua situação?

- ☐ Não me preocupei com isso ainda
- ☐ Pretendo ter apenas a aposentadoria do governo
- ☐ Faço um plano de previdência/poupança própria para aposentadoria
- ☐ Tenho planos de começar a poupar para isso
- ☐ Não vejo necessidade de poupar para minha aposentadoria

Para as questões abaixo responda se você concorda ou não com as afirmativas com valores de 1 a 5 atendendo a escala:

- 1 – discordo totalmente
 2 – discordo parcialmente
 3 – não discordo nem concordo
 4 – concordo parcialmente
 5 – concordo totalmente

	1	2	3	4	5
29. De modo geral, eu me sinto capaz de administrar as minhas finanças pessoais.					
30. Eu converso sobre as decisões financeiras com outras pessoas da minha família (exemplo: marido, esposa, irmãos, pais).					
31. A fim de controlar os gastos mensais é importante anotar todas as despesas.					
32. É provável que um investimento de maior retorno tenha maior risco.					
33. Quando vou comprar, costumo fazer pesquisa de preço e condições de pagamento.					
34. Compro exatamente o que estou precisando sem exageros.					
35. Costumo planejar com o que gastarei meu dinheiro ao longo do mês, reservando quantias para fins específicos.					
36. Sempre pago prestações e faturas de cartão de crédito em dia.					
37. A existência de juros é fator crucial na decisão de comprar um produto a crédito.					
38. Estou satisfeito com o sistema de controle de minhas finanças.					
39. Estabeleço metas financeiras que influenciam na administração do meu dinheiro.					
40. Poupo visando à compra de um produto mais caro.					
41. Poupo mensalmente sem ter necessariamente a intenção de consumir algo com o dinheiro poupado.					
42. Comparo preços ao fazer compras.					
43. Considero ser independente financeiramente dos meus responsáveis muito importante.					
44. Considero importante ter uma vida financeira saudável.					
45. Consigo identificar os custos que pago ao compra um produto à crédito (ex. juros embutidos)					
46. Prefiro sempre comprar parcelado do que esperar ter dinheiro para comprar à vista.					
47. Prefiro comprar um produto de maior valor financiado a juntar dinheiro para comprá-lo à vista.					
48. Considero fazer compras uma fonte de prazer.					
49. Em um país onde a inflação é alta os preços não se alteram tanto com o tempo.					
50. Compro quando estou me sentindo triste, inseguro, ou sozinho e sinto que preciso me distrair.					
51. Meus gastos mensais ultrapassam o valor recebido mensalmente.					